

O INACABADO COMO OBRA:

Breve leitura deleuziana dos textos de Nietzsche

THE UNFINISHED AS A WORK:

Brief deleuzian reading of Nietzsche's texts

Paloma Romeiro Comparato

Mestre pela PUC. São Paulo, SP, Brasil. paloma_r_comparato@yahoo.com.br

Resumo: A partir da ideia de inacabamento de uma obra, surge uma análise sobre o livro *Cinco prefácios para cinco livros não escritos* de Friedrich Nietzsche. O livro contém, como evidencia o título, cinco prefácios cujos textos a que se referem não existem. A essa reflexão se atrela o ponto de vista deleuziano sobre a filosofia nietzschiana, principalmente através do conceito de interpretação, entendida não como uma busca por uma Verdade transmitida do autor pelo texto, mas sim uma articulação entre forças em disputa.

Palavras- chave: Nietzsche. Deleuze. Prefácios.

Abstract: Based on the idea of the unfinished nature of a work, an analysis of the book *Prefaces to Unwritten Works* by Friedrich Nietzsche emerges. The book contains, as the title shows, five prefaces whose texts they refer to do not exist. This reflection is linked to the Deleuzian point of view on Nietzschean philosophy, mainly through the concept of interpretation, understood not as a search for a Truth transmitted from the author through the text, but rather as an articulation between forces in dispute.

Keywords: Nietzsche. Deleuze. Prefaces.

INTRODUÇÃO

Poucos são os artigos em língua portuguesa que se dedicam ao *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, de Nietzsche. O livro, composto de cinco textos finalizados em 1872, é um objeto significativo de estudo, uma vez que inaugura um formato de obra tão inovador quanto os aforismos, gênero textual largamente utilizado pelo filósofo, isso porque é composto por prefácios que não são acompanhados das obras que pretendem introduzir. De modo que o mesmo poderia ser entendido em um primeiro momento e prematuramente, como incompleto. Ele é composto, respectivamente, pelos seguintes textos: *Sobre o pathos da verdade*, *Pensamentos sobre o futuro de nossos institutos de formação*, *O estado grego*, *A relação da filosofia de Schopenhauer com uma cultura alemã* e *A disputa de Homero*.

O que se pretende neste trabalho é fazer uma breve reflexão sobre o inacabado e sua presença neste livro. Parece que o inacabamento é parte necessária desta obra, um vazio sem o qual o todo não se preenche. Essa será a hipótese levada a cabo aqui, por meio de vozes como a de Gilles Deleuze.

Uma indagação que se mostrou importante é o que se quer com uma obra, o que dela se deseja, de que forma a torcemos quando realizamos a nossa interpretação. Pois o leitor molda o texto – ou o quadro, a peça, a performance, a escultura, a poesia, o que seja - tanto quanto o(a) autor(a), o(a) artista.

Com isso em mente, se fez necessária também a reflexão sobre a ideia de interpretação. Principalmente porque para Nietzsche, só existem interpretações. Nenhum texto, nem mesmo aqueles escritos por ele mesmo, transmitem a Verdade. Por isso, entender o que se passa na leitura, nessa construção conjunta leitor-autor, é importante para a problematização que se fará sobre o (in)acabamento de *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*.

SOBRE O INACABAMENTO DOS PREFÁCIOS

No livro *A ilha deserta e outros textos*, Deleuze (2005) faz um texto em que trata dos escritos de Friedrich Nietzsche, chamado *Pensamento Nômade*. Segundo ele, a escrita do filósofo alemão inaugura um movimento do pensamento, cria uma relação entre autor e leitor que implode os sistemas de codificação. Para, de alguma forma, traduzir o que se dá na leitura dos aforismos nietzschianos, Deleuze cria a imagem de um barco, ou melhor, uma jangada, que passa por todo o tipo de água e na qual seus passageiros devem remar mesmo sem a premissa de se amarem. Eles

“se batem, se comem” e partilham algo que está fora de qualquer lei, contrato ou instituição. Uma espécie de deriva.

Para Deleuze (2005), os textos de Nietzsche só existem na relação com o fora. Mais do que o retorno à interioridade, que é o princípio da Filosofia em geral, os textos nietzscheanos reivindicam a exterioridade. Ele cria uma (bela) e segunda imagem: a beleza de um quadro não estaria exatamente na tela, mas na certeza do que está fora dela. Está nas linhas, no movimento, na continuidade extensiva de suas formas. No final das contas, o quadro está muito mais fora do que dentro, e a aparição dele sobre uma tela nada mais é do que mero acaso.

Isso é dito sobre os aforismos. Mas acredito ser possível trazer essas mesmas noções para interpretação dos prefácios de Nietzsche, ou melhor, para os *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Interessante pensar que os “cinco livros não escritos” são como as linhas que estão fora do quadro. Eles existem verdadeiramente mesmo que sob o viés de sua inexistência.

A palavra “prefácio” vem do latim “praefatio” e significa aquilo que é feito (fatio) antes (prae). No Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, encontramos a seguinte definição: 1. Discurso preliminar em que se expõe ordinariamente o motivo de uma obra, os processos nela seguidos, etc. 2. Texto que antecede a parte principal de uma obra literária. Um prefácio, dessa forma, é um texto que antecede uma obra escrita com o intuito de apresentá-la, torná-la atrativa ao leitor. Mas, apesar de ser um texto no início do livro, o “prefacista” - que não é necessariamente o autor do texto principal - escreve-o, é claro, depois da leitura da obra. Lógica que não se dá, portanto, no caso dos cinco prefácios nietzschianos, em que Nietzsche escreve-os antes mesmo das obras que eles pretendem apresentar. E escreve-os inclusive sem a necessidade das obras, de alguma forma reivindicando uma ideia de autonomia e fechamento para textos que seriam comumente considerados introdutórios.

Para Louis Hay (2007), o inacabamento de uma obra, que é tão comumente relacionado ao fracasso do autor ou a um acaso que impediu a sua finalização, pode ser visto de outra forma, como “um modo de existência da escritura, [e] até mesmo uma necessidade [dela]” (Hay, 2007, p. 226). Segundo o mesmo autor, a noção que temos hoje de obra refere-se a uma “produção estética coerente e acabada, individual e autônoma” (Hay, 2007, p. 226), de modo que obras que não seguem esse padrão não são tão apreciadas pelo senso comum.

Nietzsche, no segundo prefácio do livro supracitado, também escreve sobre isso, afirmando que não tem a intenção de entregar nenhum tipo de conclusão, conduta que sempre foi comum a filósofos anteriores, e que por isso, formaram leitores com a expectativa de obras acabadas, conclusivas. Não é à toa que Nietzsche diz que seus escritos destinam-se “a muito poucos homens” (Nietzsche, 2013, p.32).

Também neste segundo prefácio, Nietzsche descreve o tipo de leitor que almeja para seus escritos. Além de não dever ansiar por um resultado, um fim, uma Verdade, o leitor deve ter outras duas qualidades: “Deve ser calmo e ler sem pressa. [e] Não deve intrometer-se, nem trazer para a leitura a sua ‘formação’” (Nietzsche, 2013, p. 31).

Numa belíssima resenha sobre a obra, Thelma Lessa da Fonseca (1998/1999) traz uma hipótese interessantíssima. Ao afirmar não se deve buscar verdades últimas e resultados conclusivos em seus textos, talvez Nietzsche não tenha escrito os livros a que se propõem introduzir os prefácios de maneira proposital.

Mas, com isso em mente, esses prefácios comporiam uma obra acabada ou inacabada? Completa ou incompleta? Fonseca (1998/1999) escreve o seguinte: “[...] parece que quando o “segundo prefácio” é lido como uma espécie de “manual” de leitura dos demais prefácios, pode ser diluída a impressão de que cada um trata de um tema estanque, e, ao contrário, se desenha a idéia de que se trata de um todo teórico [...]” (Fonseca, 1998/1999, p. 199). Em outras palavras, os cinco prefácios juntos se tornariam uma obra coesa.

Esses cinco textos foram entregues a Cosima Wagner próximo ao natal de 1872. No livro *Cartas a Friedrich Nietzsche: diários y otros testimonios*, encontra-se uma carta em que a esposa do compositor Richard Wagner relata, dentre outras coisas, sua opinião sobre os prefácios. Ela retrata uma espécie de indignação, perguntando, ao se referir sobre o texto chamado *A Disputa de Homero*, o porquê de ele ter que ficar em um livro que não será escrito. Ao se referir aos segundo e quarto prefácios, respectivamente, *Pensamentos sobre o futuro de nossos institutos de formação* e *A relação da filosofia de Schopenhauer com uma cultura alemã*, Cosima diz entender que Nietzsche não quer escrever os livros para esses textos.

Já com relação ao primeiro prefácio, o *Sobre o phatos da verdade*, Cosima diz haver um outro motivo para Nietzsche, mais uma vez, não querer escrever o livro em que o texto se inseriria. Ela, assim como o amigo, acreditava que os temas abordados no texto são importantes para se filosofar, refletir e meditar, falando-se sobre eles o menos possível.

Com a leitura de sua carta, que não deixa de tecer enormes elogios aos cinco prefácios, não ficamos com dúvida de que os “livros não escritos” realmente não tinham a intenção de serem escritos, de modo que se os prefácios são ou não obras que podem ser consideradas completas (de maneira conjunta ou individual) provavelmente é uma questão que não tinha a mínima importância para seu autor.

SOBRE A INTERPRETAÇÃO

O que mais importa em um texto é o que se faz dele. Segundo Nietzsche, só o que há são interpretações. Por isso a necessidade de entender o que decorre na leitura. Segundo Deleuze, ao ler Nietzsche, o leitor se apodera de tal ou qual força, conduz o texto para tal ou qual vontade. “É este o problema da interpretação: sendo dado um fenômeno, um acontecimento, estimar a quantidade da força que lhe dá um sentido e, a partir daí, medir a relação das forças em presença” (Deleuze, 2018, p. 72).

Deleuze (2005) diz, tratando dos aforismos, mas aqui acho que se pode ampliar a discussão para todos os textos de Nietzsche, o seguinte:

Nietzsche o diz muito claramente: se você quiser saber o que eu quero dizer, encontre a força que dá um sentido, se for preciso um novo sentido ao que eu digo. Conecte o texto a essa força. Desta maneira, não há problema de interpretação de Nietzsche, há apenas problemas de maquinação [...] (Deleuze, 2005, p. 168).

Parece-me certo que se pode, como em qualquer acontecimento, também na interpretação optar por se compor com forças ativas ou reativas. “A ‘mediocridade’ de pensamento que Nietzsche denuncia remete sempre à mania de interpretar ou de avaliar os fenômenos a partir de forças reativas, e cada espécie de pensamento nacional escolhe as suas” (Deleuze, 2018, p. 75). É o que aconteceu, por exemplo, com o uso fascista dos textos nietzschianos.

Sobre o problema das forças, Deleuze dedica um capítulo inteiro em *NIETZSCHE e a filosofia*. Um corpo seria sempre composto de forças, que variam em quantidade e qualidade - ativo e reativo são qualidades originais da força. Forças ativas são ditas dominantes ou superiores, e forças reativas são ditas dominadas, ou inferiores. “[...] é reativo tudo o que separa uma força; é reativo ainda o estado de uma força separada do que ela pode. Ao contrário, é ativa toda força que vai até o limite de seu poder” (Deleuze, 2018, p. 78).

Sob a pergunta de como seria possível o triunfo de forças reativas, Deleuze (2018) responde, através de Nietzsche: “[...] elas decompõem, separam a força ativa do que ela pode, subtraem, da força ativa, uma parte ou quase todo o seu poder, e, assim, não se tornam ativas, mas, ao contrário, fazem com que a força ativa se junte a elas, torne-se, ela própria, reativa num novo sentido” (Deleuze, 2018, p. 76). Para prevalecer sobre outras, a força sempre se utiliza de sua vontade de potência, tendo as forças reativas relação direta com a vontade de nada - o nada é a sua vontade.

A consciência teria natureza reativa e isso justificaria a célebre frase dita por Spinoza e retomada por Deleuze de que mal se sabe o que pode um corpo. Só se saberá o que pode um corpo quando for possível entender a si e ao mundo através de forças ativas. É o exercício de composição

de forças a mais importante tarefa vital, mais ainda, o esforço de tornar as forças reativas, forças ativas. “[...] para tornar-se ativa, não basta que uma força vá ao limite do que ela pode, é preciso que faça daquilo que ela pode um objeto de afirmação” (Deleuze, 2018, p. 89).

Também Olgária Chaim Ferez (1999) parece entender a interpretação dos textos nietzschianos de maneira similar:

Nietzsche enriqueceu a filosofia moderna com meios de expressão: o aforismo e o poema. Isso trouxe como conseqüência [sic] uma nova concepção da filosofia e do filósofo: não se trata mais de procurar o ideal de um conhecimento verdadeiro, mas sim de interpretar e avaliar. *A interpretação procuraria fixar o sentido de um fenômeno, sempre parcial e fragmentário; a avaliação tentaria determinar o valor hierárquico desses sentidos*, totalizando os fragmentos, sem, no entanto, atenuar ou suprimir a pluralidade. Assim, o aforismo nietzschiano é, simultaneamente, a arte de interpretar e a coisa a ser interpretada, e o poema constitui a arte de avaliar e a própria coisa a ser avaliada (Ferez, 1999, p. 9, grifo nosso).

No mesmo texto, presente no livro da coleção *Os Pensadores, Nietzsche - Obras Incompletas*, Ferez (1999) traz uma ideia muito interessante: a de que nos textos do filósofo alemão não só as frases, trechos ou até mesmo o texto como um todo, mas também as palavras individualmente são passíveis de interpretação. Não é à toa que “Nietzsche se tornou o filósofo da interpretação. Bem mais: ele se converteu sobretudo no filósofo dos intérpretes” (Marton, 2010, p. 37).

Como filósofo dos intérpretes, Nietzsche inaugura uma nova forma de se fazer filosofia, que é uma busca constante, um combate interminável. O leitor não pode se abster dessa luta, desconfiadamente, deve buscar pela interpretação e não pela Verdade, e a interpretação é sempre múltipla – e inacabada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do que se poderia pensar em um primeiro momento, o fato de *Cinco prefácios para cinco livros não escritos* conter textos introdutórios para livros que não foram escritos não faz com que a obra seja necessariamente considerada inacabada ou incompleta. Isso por vários motivos. Como pôde-se concluir, Nietzsche muito provavelmente tinha a intenção de escrever somente os prefácios, sem os seus respectivos textos principais, de modo que em sua própria elaboração os prefácios foram pensados como autônomos.

Em segundo lugar, pode-se dizer que na obra supracitada, os livros prefaciados existem sob o viés da inexistência. Eles estão presentes enquanto ausência e esse vazio, essa incompletude, faz parte, ainda que paradoxalmente, do acabamento da obra.

Parte do caráter inventivo do livro supracitado reside também no fato de que a relação cronológica da escrita é de alguma forma alterada, pois Nietzsche consegue fazer com que textos que só podem vir depois (pois o prefácio vem antes somente em forma, em conteúdo precisa vir depois) venha antes mesmo da obra que tem a intenção de apresentar. E vem sem a necessidade da obra.

Com o Nietzsche de Deleuze, a discussão é ampliada, pois percebe-se o papel do leitor na construção da obra. Devemos sempre nos perguntar: com que forças me componho ao ler determinado texto? Ou melhor, que forças componho ao texto por meio da minha leitura? O que faço de determinada leitura? Com uma composição de forças ativas, teremos sempre experiências mais proveitosas, ou ao menos, mais inventivas. O exercício deste trabalho passa por essa tentativa.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. Pensamento Nômade. In: DELEUZE, Gilles. *A Ilha Deserta e Outros Textos*. São Paulo: Illuminuras, 2005. cap. 34, p. 166-171.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. São Paulo: N-1 edições, 2018. 256 p.

FEREZ, Olgária Chaim. Vida e Obra. In: LEBRUN, Gérard (org.). *Nietzsche – Obras Incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 5-15. (Coleção os Pensadores).

FONSECA, Thelma Lessa da. RESENHA/REVIEW. *Trans/Form/Ação*, [s. l.], p. 195-200, 1998/1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/D9pwfyMKfJ3FvPKJpk9tVYh/>. Acesso em: 11 out. 2024.

MARTON, Scarlett. Como ler Nietzsche? Sobre a interpretação de Patrick Wotling. *Cadernos Nietzsche*, [s. l.], p. 35-52, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7783/5324>. Acesso em: 14 out. 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013. 76 p.

WAGNER, Cosima. *Cartas a Friedrich Nietzsche: Diários y otros testimonios*. Madrid: Editorial Trotta, 2013.

Recebido em: 26/12/2024.

Aprovado em: 22/07/2025.